

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA E ESTUDOS DO LÉXICO

ARTIGO

NA BAINHA DAS SAIAS: UMA HISTÓRIA DO VESTUÁRIO FEMININO NA FRANÇA ATRAVÉS DA TERMINOLOGIA DA MODA (1903 – 1930)*AT THE HEM OF SKIRTS: A HISTORY OF WOMEN'S CLOTHING IN FRANCE THROUGH THE TERMINOLOGY OF FASHION (1903 – 1930)*

INGRID OLIVEIRA

Doutora e Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Docente da UFBA. E-mail: ingrid.francesufba@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa a terminologia da moda feminina na França entre 1903 e 1930, com foco nas saias como peça central do vestuário feminino. A partir de revistas de moda da época, a pesquisa investiga como os termos utilizados para designar diferentes tipos de saias refletem transformações sociais, culturais e econômicas ocorridas durante a Belle Époque, a Primeira Guerra Mundial e os Anos Loucos. O estudo demonstra que as mudanças no papel da mulher na sociedade influenciaram diretamente o vestuário, resultando em alterações nos cortes, tecidos e funcionalidades das roupas. Além disso, evidencia que a terminologia da moda não é estática, mas dinâmica, sendo formada por neologismos, empréstimos e adaptações linguísticas. Assim, os termos analisados não apenas descrevem peças de roupa, mas também revelam aspectos históricos e culturais da sociedade francesa do período.

Palavras-chave: Terminologia da moda, Vestuário feminino, História cultural.

ABSTRACT

The article examines the terminology of women's fashion in France between 1903 and 1930, focusing on skirts as a central element of female clothing. Based on fashion magazines from the period, the study investigates how the terms used to describe different types of skirts reflect social, cultural, and economic transformations during the Belle Époque, World War I, and the Roaring Twenties. The research shows that changes in women's roles in society directly influenced clothing, leading to modifications in cuts, fabrics, and functions. It also highlights that fashion terminology is dynamic rather than fixed, shaped by neologisms, borrowings, and linguistic adaptations. Therefore, the analyzed terms not only describe garments but also reveal historical and cultural aspects of French society at the time.

Keywords: Fashion terminology, Women's clothing, Cultural history.

Introdução

Tratar da terminologia da moda feminina na França no início do século XX é conhecer também três momentos bem definidos de sua história: a *Belle Époque* (1900-1914), a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e os Anos Loucos (1919-1929). Durante esses 30 anos, a sociedade passou por grandes transformações econômicas e culturais. Apesar das mudanças existentes ao longo do período, as saias, as *jupes*, se mantiveram como as peças mais representativas do vestuário feminino. Mais longas ou mais curtas, de corte reto ou evasê, tais peças marcaram desde bailes até zonas de guerra, acompanhando (e ajudando a contar) uma parte da história da língua francesa e de seus falantes.

E, como se sabe, uma das fontes para essa história pode ser encontrada no próprio léxico da língua, mais precisamente, nos termos técnicos utilizados no âmbito da costura e modelagem de uma roupa. As terminologias, não mais consideradas como algo isolado ou à parte da língua, passam por renovações, que, assim como as demais unidades lexicais, estão conectadas aos interesses e necessidades dos grupos que as empregam. No caso da terminologia das saias, a busca pelo novo revisita os próprios termos da moda em língua francesa, além de dialogar com outras áreas de especialidade.

Este artigo é um recorte da tese de doutoramento intitulada “Da *Belle Époque* aos Anos Loucos: Os termos da moda feminina na imprensa francesa entre 1903 e 1930” e tem como objetivo analisar dez termos empregados para designar as saias utilizadas pelas francesas entre 1903-1930, conectando a língua, as técnicas e os materiais ligados à moda ao seu contexto de produção. Assim como na tese, esta pesquisa tem como base teórico-metodológica os estudos realizados por Finnato e Krieger (2004) e Cabré (1995, 1999).

Além desta introdução, será feito um breve panorama acerca do percurso das saias na França entre a Idade Média e os anos 1900, trazendo também informações acerca das mulheres francesas entre 1903-1930 e o papel da imprensa de moda no início do século XX, visto que tais documentos compõem o *corpus* deste trabalho. A terceira subseção será dedicada a Terminologia e as escolhas teóricas e metodológicas para realização da pesquisa. Na quarta subseção serão expostos os termos da moda relativos às saias (entre 1903 e 1930), ao que será seguida das considerações finais e das referências.

As tramas das saias ao longo da História

O termo *jupe* é encontrado na língua francesa desde pelo menos o século XII, fruto de um empréstimo do italiano *giubba*, este mesmo vindo do árabe *djoubba*, para designar uma vestimenta longa (TLFi, 2024 [1994]; Picoche, 2009) usada por homens e mulheres. Durante boa parte da Idade Média, as diferenças de vestuário estavam ligadas às questões de classe ou relativas à região em que se vivia, não necessariamente remetendo a um gênero específico. De modo geral, neste período:

[...] les hommes portent des chausses de drap sous la robe enfilée par la tête, de longueur variable, courte pour les paysans et les voyageurs, longues pour les bergers, les ecclésiastiques, les religieux, les grands personnages et les femmes (Deslandres, 2002, p. 128)¹.

As saias (e vestidos) podiam ser confeccionados em seda, lã ou linho. A escolha do tecido estava ligada às posições ocupadas pelo indivíduo na sociedade. Apesar dos poucos exemplares conservados da época, através das pinturas e artes, é possível afirmar que, no geral, as peças tinham um corte amplo, eram fechadas por botões ou amarradas com um cordão (Lopes, 2017).

Em meados do século XIV, na Europa, tem-se aquela que é considerada uma das grandes revoluções no vestir. Com as túnicas masculinas tornando-se mais curtas, houve a necessidade de uma outra peça para cobrir a parte inferior do corpo. Difundiu-se então o uso de uma peça bifurcada, um modelo de calça bastante justa. Nos séculos seguintes no Ocidente, as calças tornaram-se as principais representantes do guarda-roupa masculino (Bard, 2010). As saias (e vestidos), por sua vez, passaram a ser majoritariamente associadas ao universo feminino, sendo vistas como um dos símbolos centrais do vestuário das mulheres.

Tal papel assumido pelas saias pode ser comprovado desde o final do século XVII através das definições em dicionários de língua. Antoine Furetière², em 1690, define *jupe* como sendo um “habillement de femmes qui prend depuis les hanches jusqu’a enbas”³ (Furetière, 1690, s.n.p.). Os dicionários da *Académie Française*, nas edições publicadas entre 1694 e 1935, seguem o mesmo caminho, afirmando que uma *jupe* vem a ser “la partie de l’habillement des femmes, qui descend de la ceinture jusqu’aux pieds”⁴ (Académie Française, 1878 [1694]).

Além do aspecto linguístico, uma questão jurídica reforçava ainda mais o caráter feminino das saias. Uma lei promulgada em 7 de novembro de 1800 (a lei do 26 Brumário, ano IX), pelo então chefe da polícia de Paris, proibia as mulheres de fazerem uso de calças, salvo em casos de saúde ou por questões profissionais. E, ainda assim, a permissão se dava por tempo determinado. Aquelas que tinham intenção de fazê-lo deviam entrar com um pedido de autorização e, as que fossem pegas trajando calças sem tal documento eram encaminhadas para a delegacia e sujeitas ao pagamento de uma multa (Bard, 1999). Tal lei conseguiu cumprir sua função com relativa eficácia, contudo, as transformações sociais, políticas, culturais e econômicas existentes desde o início do século XX, levaram tal imposição ao esquecimento⁵.

No início dos anos 1900, as ruas de Paris e de outros grandes centros franceses eram ocupadas por burguesas elegantes em passeios e visitas pelos bulevares e *grands magasins*, mas também por um grupo significativo de trabalhadoras – datilógrafas, vendedoras, secretárias e funcionárias de serviços públicos como telefonistas e funcionárias dos correios

e professoras. O movimento feminista buscava o direito ao voto para as mulheres e o reconhecimento enquanto cidadãs, com direitos garantidos pela lei (Arnaud-Duc, 2018 [1993]).

Anteriormente restritas ao ambiente doméstico, a mudança na rotina teve influência direta na forma de se vestir, fosse no formato das peças ou nos materiais utilizados para confecção. Entre 1904 e 1908, “tout l’attirail compliqué de la toilette féminine se trouva ‘démodé’, et les femmes passèrent de 3 kilos d’ajustement à 900 grammes”⁶ (Deslandres, 2002, p. 189).

As saias, outrora amplas, adotaram um corte reto. Em sua maioria, eram confeccionadas em tecidos de lã, por vezes em seda (aqui pensando em peças para um público de maior poderio econômico e para ocasiões mais formais). Os catálogos de moda indicam que os tecidos eram em sua maioria lisos, com alguns casos de tecidos estampados ou com uma determinada padronagem.

O início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) pode ser considerado como outro fator que impulsionou o processo de emancipação feminina. Entre condutoras de bondes, funcionárias das fábricas, enfermeiras da Cruz Vermelha, houve, mais uma vez, a necessidade de adaptar as roupas. A praticidade e a austeridade eram as palavras da vez. Peças em lã e algodão tornaram-se raras, já que ambos os materiais eram destinados às roupas para os soldados no front. A seda, em especial o tafetá, acabou sendo uma opção viável, já que a produção de tal tecido se concentrava em Lyon, cidade relativamente distante do *front*. Em relação ao corte, as saias podiam tanto ser retas ou amplas, produzidas com sobreposição de babados, por exemplo. Alguns modelos passaram a ser fechados por botões nas laterais, facilitando o vestir e dando mais autonomia às mulheres que agora não precisariam tanto de ajuda para fechar as roupas.

Os anos da primeira década do entreguerras, período conhecido como os Anos Loucos (1919-1929), foram marcados por um encurtamento das saias, que chegaram até a altura do joelho em 1925. As linhas do movimento *Art Déco* influenciaram no vestuário, com saias e vestidos com corte reto, que não mais buscavam ressaltar o busto ou afinar a cintura, moda que seguia uma linha andrógina. Em relação aos tecidos, o jersey, tecido de lã originário da Inglaterra e popularizado por Chanel, era a grande estrela, usado tanto para roupas do cotidiano quanto em peças mais sofisticadas (Mendes; Haye, 2009).

Parte das informações acerca da situação feminina da época e da composição das peças do seu vestuário estão registradas nas páginas das revistas de moda. Impulsionada pelos avanços tecnológicos e científicos, em alta desde o Segundo Império (1852-1870), e pelo crescente número de pessoas alfabetizadas, a imprensa escrita tornou-se a principal fonte de informações dos franceses nas primeiras décadas do século XX, alcançando desde os grandes centros até os vilarejos mais distantes.

Entre as publicações, aquelas voltadas para a moda feminina obtiveram um grande sucesso. Um exemplo disso

é *Le Petit écho de la mode*, criado em 1880, e que alcançou a marca de 300 000 exemplares em 1900 (Feyel, 2010). Com o auxílio de imagens, desenhos ou fotografias, os periódicos discutiam tendências no vestir ao mesmo tempo em que apresentavam (e influenciavam) de forma mais ou menos sutil os valores da sociedade da época, seus costumes e práticas, reforçando, assim, os papéis exercidos por homens e mulheres.

Para este artigo, foram escolhidas 4 revistas de moda para compor o *corpus*: a já mencionada *Le Petit écho de la mode* (edições publicadas entre 1914-1930); *Le Figaro-Modes* (exemplares entre 1903 e 1905); *Les Modes* (publicações entre 1906-1930); *Femina* (edições entre 1911 e 1914). As motivações que levaram a escolha de revistas para a elaboração do *corpus* e suas relações com os estudos lexicais serão expostas na próxima seção.

Entrelaçando os fios da Terminologia e da Moda

Ao tratar do estudo do léxico da moda, Bouverot (1999) aponta as revistas, os catálogos de moda, os dicionários e os textos literários como possíveis fontes de dados. Contudo, as informações obtidas em cada um desses tipos de *corpus* não serão necessariamente as mesmas visto que:

Les mots des écrivains résultent parfois de choix individuels ou de hasards thématiques [...]. Quant aux dictionnaires, ils ont souvent prêté attention tardivement aux termes vestimentaires, considérés comme trop frivoles. L'écart entre l'usage dans les revues et l'entrée dans les dictionnaires est parfois important [...] (Bouverot, 1999)⁷.

Diante disso, por se tratar de uma comunicação especializada, com textos produzidos por pessoas com conhecimentos técnicos atualizados, as revistas de moda configuram a principal fonte de estudos do vocabulário da moda (Barthes, 2009 [1967]).

O estudo dos itens lexicais especializados, também chamados de termos técnicos científicos, é o que compõe a base da Terminologia. Diferentemente do que era proposto na primeira metade do século XX, os termos não são etiquetas imutáveis e homogêneas. Muito além da standardização e normalização, hoje, tal área de estudos lexicais busca representar o conhecimento, sua unificação e a transferência de informações acerca de uma determinada especialidade, reconhecendo a diversidade desses saberes (Cabré, 1995; 1999).

Os termos possuem os mesmos fenômenos que as demais unidades lexicais da língua, já que não estão isolados desta. Por exemplo: no que se refere especificamente à terminologia da moda, Bouverot (1999) assinala que “[...] si les mots changent et que la mode change, il y a néologie; si les mots demeurent et que la mode change, il y a polysémie; si les mots changent et que la mode demeure, il y a synonymie⁸”. Termos e palavras não diferem em funcionamento, o que os define é o seu uso na língua, o contexto no qual um dado item é empregado (Finatto; Krieger, 2004).

Seguindo essa linha de pensamento, é possível afirmar que as terminologias são formadas com base em três princípios:

- Através de empréstimos linguísticos, com lexias originárias de outras línguas.
- Através da criação de neologismos – termos criados especificamente para designar uma nova invenção, quando não há algo próximo ou algum antecedente na língua; também conhecidos como tecnoletos.
- Com o emprego de palavras já existentes na língua ou em outra área terminológica, uma espécie de aproveitamento linguístico feito com base na própria renovação dos itens lexicais.

Por estar em constante renovação, o estudo da terminologia da moda apresenta desafios. Apesar de ser um tema recorrente em conversas, entrevistas televisivas e materiais jornalísticos, ainda são poucas as pesquisas acadêmicas desenvolvidas na área. No caso das terminologias registradas em fases pretéritas da história, a situação é ainda mais delicada, visto a ausência de standardização dos termos e dos neologismos criados pelos colunistas, que, na maior parte das vezes, desapareciam após algumas edições.

Ao analisar periódicos de moda é necessário considerar que nem tudo o que está escrito nas revistas é terminológico. Para evitar dados errôneos, é essencial um conhecimento acerca da época estudada. Nesse caso, consultar manuais, guias técnicos e demais textos do período podem ser a chave para identificar se uma dada unidade lexical vem ou não a ser um termo. Além disso, é importante também considerar o chamado critério de pertinência. A confirmação de um item lexical como sendo um termo não significa o seu registro em um dicionário ou glossário terminológico. Pensando neste artigo, que se propõe a tratar das saias utilizadas pelas francesas no início do século XX, não faz sentido inserir nos dados um termo que remete a uma peça do século XIX, por exemplo. Mesmo sendo um termo que possa aparecer em alguma coluna (discutindo talvez as modas do passado), para os objetivos desta pesquisa, ele não seria relevante para este momento.

Um outro aspecto que pode ser fonte de dúvidas nos estudos terminológicos é a construção da definição do termo e dos elementos que integram um verbete. Tal etapa da pesquisa será detalhada na subseção a seguir.

Alinhavando os dados da definição terminológica

A definição terminológica, ou DT, é, juntamente com o termo técnico científico, um objeto de estudo da Terminologia. Assim como ocorre na versão lexicográfica, a DT também busca delimitar uma determinada informação, pautando-se no rigor científico e na acessibilidade ao leitor.

Em se tratando das saias, quais dados devem constar na definição?

A primeira palavra a compô-la, deve trazer como referência ao campo nocional (ou subcampo), uma espécie

de família, da qual o termo faz parte. Vestimenta, roupa íntima, saia, calçado, vestido são exemplos que podem ser empregados no campo da moda. Para os dados analisados aqui, foram escolhidos vestimenta, saia e vestido para abrir as definições.

Além da família à qual os termos das saias pertencem, a DT também deve propor as características da peça e os aspectos que as diferenciam, como o corte (circular, semi-circular), o formato (evasê, reto) e os tecidos que eram utilizados na confecção (visto que o tipo de tecido impacta diretamente no caimento da peça produzida). Outro dado interessante é o tipo de fecho utilizado e onde este é disposto – botões ou cordões? Com os botões, estes são fixos na parte das costas, nas laterais ou na frente da peça? Externo ou interno?

Como as revistas nem sempre dão descrições detalhadas, uma boa opção para desvendar alguns mistérios do vestuário do passado é a consulta aos catálogos de moda publicados pelas lojas de departamento. Os desenhos das peças também podem ajudar no momento da escrita da DT.

Além da definição, o verbete pode conter notas explicativas, abordando informações históricas (**notas hist.**) ou linguísticas (**notas ling.**) que ampliam os conhecimentos, enriquecendo ainda mais o entendimento e a análise do termo. No caso de peças elaboradas durante 1914 e 1918, por, exemplo, considerar o contexto da Primeira Guerra Mundial ajuda a entender o porquê da escolha de tecidos seda em detrimento de outros.

E, por tratarmos aqui de itens lexicais de uma terminologia em língua estrangeira, optou-se também por indicar a classe o gênero ao qual o termo pertence, assim como indicativo de número quando necessário. Estas informações não são frequentes em produtos terminológicos, mas acredita-se que elas podem ajudar um leitor sem conhecimentos de língua francesa.

Finaliza-se aqui esta breve discussão acerca dos estudos terminológicos, sua teoria e prática e passa-se agora aos dados.

As saias das mulheres francesas do *cós à bainha*

Para este artigo foram selecionados dez termos relativos às saias utilizadas pelas mulheres francesas entre 1903 e 1930, sendo que em três deles as saias aparecem como componentes de vestidos. E para uma melhor percepção de como os estudos em Terminologia são importantes não só para a área técnica, mas também para a história e cultura de uma sociedade, os termos seguirão a ordem cronológica das revistas e não a ordem alfabética. Em se tratando especificamente das revistas, estas estão quase sempre representadas por abreviaturas sendo:

- LFM abreviatura de *Le Figaro-Modes*.
- LM abreviatura de *Les Modes*.
- PEM abreviatura de *Le Petit écho de la mode*.

A fim de compreender a definição de saia para a época, *jupe* é o primeiro termo a ser apresentado.

Jupe s.f. ‘Vestimenta para a parte inferior do corpo, de aparência tubular ou cônica’ (Newmann, 2011, p. 163), sem bifurcações, com início na cintura, de comprimento e corte variável, sendo confeccionada como parte de um vestido ou como peça independente, podendo conter babados, plissados e enfeites diversos.

Nota hist.: Seu comprimento, corte e volume variam de acordo com a época e os modelos vigentes: durante a *Belle Époque* (1900-1914), as saias iam até o chão; ao longo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o comprimento da saia diminui, com a barra da saia deixando entrever os tornozelos; no pós-guerra, seguindo a moda de linha andrógina dos Anos Loucos, a cintura das saias passou a ser associada à linha do quadril, e a barra da saia continua a subir, sendo que em 1925 ela chegou ao ponto mais curto visto até então, na altura do joelho.

“Jupe toda franzida [...] com padrões de Chantilly preto e branco dispostos ao redor dos quadris e na barra” (tradução nossa)⁹.

Jupe-corselet s.f. Saia de corte evasê, feita em tecidos diversos, de lã ou de seda, que se caracteriza por uma cintura alta, justa e bem marcada, como se vê com o uso de um tipo de cinto chamado *corselet*.

Nota ling.: podia ser grafada com ou sem hífen.

Nota hist.: Teve seu auge entre os anos 1900-1910 e com a adoção do corte reto, com peças menos ajustadas ao corpo, a jupe-corselet entrou em desuso.

Figura 1: Modelo de *jupe-corselet*



Fonte: Mode-Palace (1906, n. 10, p. 4)

“[...] jupe-corselet, ou corsage drapeado formando ele próprio um corselet [...]” (tradução nossa)¹⁰.

“[...] a jupe corselet, muito justa e evasê [...]” (tradução nossa)¹¹.

Jupe-culotte s.f. Vestimenta que mescla a aparência de uma saia com uma calça, podendo ser cortada e usada com a calça por baixo da saia ou possuir o corte de ambas em uma única peça, feita em tecidos como o veludo, a sarja ou em algodão.

Nota hist.: Tinha seu uso voltado principalmente para a prática de esportes, como o ciclismo, em alta no início dos anos 1900.

“E agora, abordemos a questão polêmica que está em todas as conversas, a pergunta que leio em todos os olhares: o que vocês pensam da jupe-culotte?” (tradução nossa)¹².

Figura 2: Modelos de *jupe-culotte*



Fonte: Les modes (1911, n. 123, s.n.p.), Les modes (1927, n. 283, s.n.p.).

Jupe entravée s.f. Saia marcada por uma tira de tecido, que podia ou não ser franzida, disposta nos tornozelos, e por vezes também na região do joelho, deixando-a bastante estreita.

Nota hist. 1: Foi um modelo de saia lançado pelo célebre estilista Paul Poiret em 1910, mas que não teve grande sucesso, caindo em desuso antes do início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Nota hist. 2: ‘A saia permitia que se dessem apenas passos curtíssimos e foi denunciada pelo papa, satirizada por cartunistas e transformada em tema de acirrado debate público’ (Callan, 2010 p. 276).

“[...] antes, as jupes entravées causaram bastante sofrimento as mulheres que a adotaram[...]” (tradução nossa)¹³.

Jupe crinoline s.f. Saia comumente confeccionada em tafetá, ampla, em especial na altura dos quadris, de corte arredondado, formada por uma sobreposição de babados, mas que

se estreita na parte inferior ao invés de manter o aspecto evasê esperado.

Nota hist.: Modelo bastante usado durante a guerra, ficou também conhecido como *crinoline de guerre*.

“Esta **jupe**, chamada **crinoline**, não é a reedição exata do vestido de outrora [...]” (tradução nossa)¹⁴.

Figura 3: Modelo de *jupe crinoline*



Fonte: PEM (n. 11, ano 38, 1916, s.n.p.).

Jupe tonneau s.f. Saia com a cintura marcada, volume entre os quadris e as pernas e que se estreita na parte inferior, próximo à bainha, ganhando assim um aspecto volumoso nas laterais entre os quadris e os joelhos, lembrando a imagem de um barril (*tonneau*), encontrada em tecidos como a sarja, o veludo, o tafetá ou ainda em tecidos de lã, fechada por botões dispostos nas laterais.

Nota hist. 1: Era usada tanto em atividades cotidianas quanto em períodos de luto.

Nota hist. 2: De acordo com os catálogos e revistas da época, foi criada durante a Primeira Guerra Mundial como uma alternativa às saias do tipo sino, que gastavam muito tecido. “Uma de nossas grandes maisons parisienses até encontrou uma maneira divertida de renovar o charme da saia de tafetá, através da moda da **jupe “tonneau”**. O próprio nome já sugere a forma” (tradução nossa)¹⁵.

Robe-chemise s.f. Vestido de corte reto, tanto no corpete da parte superior quanto na saia da parte inferior, de caimento fluido, que se veste pela cabeça, com ou sem botões, semelhante a uma camisa, podendo ou não ser acompanhada por um cinto, feitos comumente em tecidos de seda, como a musseline e o tafetá, por vezes combinados com renda.

Figura 4: Modelo de *jupe tonneau*



Fonte: La couturière parisienne (1917, n. 155, s.n.p.)

“Aqui uma pequena **robe-chemise** em tafetá rosa-velho, fechado no meio das costas por abotoaduras com botões” (tradução nossa)¹⁶.

Jupe abat-jour s.f. Saia ampla, de corte arredondado, seguindo a forma de um cone de abajur, com a cintura estreita e bem marcada que vai alargando-se conforme mais próxima da bainha, podendo conter plissados e *godets* para dar volume.

Nota ling.: Seu nome faz referência à luminária de mesmo nome. “[...] Por fim, uma palavra sobre a **jupe abat-jour** em forma cônica, alargada na base por aros que escondem pequenas pregas de veludo” (tradução nossa)¹⁷.

Robe de style s.f. Vestido caracterizado por uma parte superior ajustada ao corpo e saia ampla, de cintura baixa, com ou sem plissado ou franzidos, fazendo uso, por vezes, de *cerclettes* para acentuar o aspecto volumoso.

Nota hist.: Foi uma das principais peças de Jeanne Lanvin e um dos principais modelos dos Anos Loucos (1919-1929). “Para os vestidos de noite, também há [...] tendências: o vestido para dançar, o **robe de style à paniers** [...]” (tradução nossa)¹⁸.

Jupe parapluie s.f. Saia de corte circular ou semicircular, de formato semelhante ao de um guarda-chuva, de cintura marcada, que se alarga em direção a bainha.

Nota ling.: Do francês *parapluie*, guarda-chuva.

Figura 5: Modelo de *Robe de style*

Fonte: *La femme chic* (n. 189, 1926, p. 10)

Nota hist.: A *jupe parapluie* é bastante semelhante aquela nomeada *abat-jour*, sendo que a cintura da *parapluie* é menos marcada e a parte inferior é menos larga. “Para elas, a saia longa até o tornozelo e muita diversidade nos estilos. [...] Aqui estão algumas novidades na forma de corte detalhados, semelhantes aos das *parapluies*, que lembram o corte sino de 1830” (tradução nossa)¹⁹.

O que as saias, da cintura até a bainha, nos contam? Uma análise dos dados

Do ponto de vista técnico e histórico, ao longo deste artigo, foi possível notar o quanto as saias, seus cortes, formato e materiais acompanharam as transformações culturais, sociais e econômicas na sociedade francesa. E do ponto de vista linguístico, o que o está guardado entre as costuras das bainhas das saias?

Dos dez termos apresentados aqui, apenas *jupe*, que nomeia a família/campo nocional, ocorre na forma simples. Os demais são formados a partir da junção entre termos que compõem a terminologia da moda – *jupe-corselet*, da união entre uma saia e um modelo de cinto, ou *jupe-culotte*, remetendo a ideia de uma peça que traz semelhanças entre o corte da saia e também de uma calça. Em alguns casos nota-se também o empréstimo de termos de outros campos como ocorre em *jupe tonneau* (com *tonneau* sendo relacionado à terminologia das embalagens ou indústria de bebidas) ou *jupe abat-jour* (onde *abat-jour* integra o campo da construção e mais especificamente o subcampo da iluminação).

Por estar mais próximo de um público menos especializado, o campo das vestimentas, no qual as saias estão inseridas, passa por uma maior renovação e popularização se comparado a campos mais técnicos, como o campo dos bordados. A necessidade de nomear novos artigos de vestuário, ou renomear peças já existentes, de forma acessível a um grande número de pessoas pode ser uma resposta para a formação por aproveitamento linguístico dos termos relativos às saias.

Entre os termos analisados neste artigo, não foram observados casos de sinonímia ou polissemia. Também não foram constatados casos de empréstimo linguístico. No entanto, é possível que, com a ampliação do *corpus* tal resultado possa vir a ser alterado.

Arrematando a costura e tecendo as considerações finais

Há séculos que as saias fazem parte do vestuário de homens e mulheres na Europa. Como visto no início deste artigo, durante quase toda Idade Média, tais peças não podiam ser encaradas como representativas de um só gênero e tal fato só viria se tornar realidade a partir de meados do século XIV. Ao longo de quase quinhentos anos, as saias passaram a ser associadas como pertencentes ao guarda-roupa feminino, dado que pode ser observado através de dicionários de língua, revistas e também no quadro de leis que regiam o país.

Apesar das mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas ocorridas durante o século XIX, o período entre 1900-1930 não foi um cenário de grandes reviravoltas no assunto. Mesmo com a tentativa de introdução das calças no cotidiano feminino, a exemplo da *jupe-culotte*, e da presença de figuras importantes fazendo uso de calças, como Coco Chanel, as saias mantiveram-se como absolutas no quesito *roupas femininas*.

No entanto, diante das questões econômicas e das novas atividades realizadas pelas mulheres, fossem estas no âmbito profissional ou para o lazer, as peças sofreram mudanças: do corte evasê e da cintura alta e marcada da *jupe-corselet* ao corte reto do *robe-chemise*, passando pelos cortes arredondados da *jupe abat-jour* ou da *jupe parapluie*.

Durante a *Belle Époque*, os materiais utilizados podiam ser diversos, com peças em tecidos de algodão, seda ou lã. O contexto de uso era um dos indicadores na escolha dos tecidos. A já mencionada *jupe-culotte*, por exemplo, era uma peça normalmente usada para os esportes, devendo então ser confortável, possibilitando a movimentação do corpo. Neste caso, optava-se pela confecção em tecidos de veludo e algodão visto que as características têxteis de ambos garantiram bons resultados. Também foi discutido o caso das *jupe crinoline* e da *jupe tonneau*, modelos criados durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) como solução diante da escassez de matéria-prima.

As terminologias são hoje vistas como partes integrantes da língua, não mais isoladas desta. Elas constituem a base para

a comunicação especializada, que não é mais considerada homogênea, mas sim observada em sua diversidade de formação, o que inclui empréstimos, neologismos e aproveitamento linguístico.

Chega-se então ao final deste artigo tendo a certeza de que os estudos em Terminologia são importantes, não só para a área de especialidade em si, mas também para a própria história da língua e dos grupos que a empregam. Os termos das saias guardam informações preciosas acerca da língua, mas também de comportamento, sociedade, política, economia e cultura. E quem sabe quantas outras informações ainda se escondem nas bainhas das saias? Certamente, novos dados podem estar apenas adormecidos pela costura do tempo, aguardando pelo próximo estudo.

Notas

¹“[...] os homens usam calções de tecido por baixo de um vestido enfiado pela cabeça, de comprimento variável, sendo curta para os camponeses et viajantes e longas para os pastores, eclesiásticos, figuras importantes e as mulheres” (tradução nossa).

²Autor do segundo dicionário monolíngue de língua francesa publicado em 1690.

³“Vestimenta de mulheres que vai dos quadris até o chão” (tradução nossa).

⁴“A parte da vestimenta de mulheres que vai da cintura até os pés” (tradução nossa).

⁵A lei só foi de fato revogada em janeiro de 2013. Contudo, personagens célebres da época, como Chanel já faziam uso de calças desde a Primeira Guerra Mundial.

⁶“[...] todo o complicado aparato da vestimenta feminina se tornou ‘fora de moda’, e as mulheres passaram de 3 quilos de roupa para 900 gramas” (tradução nossa).

⁷“As palavras dos escritores são, por vezes, resultado de escolhas pessoais ou de temas ao acaso [...]. Quanto aos dicionários, com frequência, eles prestam atenção aos termos do vestuário tardiamente, já que estes são considerados como muito frívolos. A distância entre o uso nas revistas e a entrada nos dicionários é, por vezes, significativa [...]” (tradução nossa).

⁸“[...] se as palavras mudam e a moda muda, há neologismos; se as palavras permanecem e a moda muda, há polissemia; se as palavras mudam e a moda permanece, há sinonímia” (tradução nossa).

⁹“**Jupe** toute froncée [...] avec motifs de Chantilly noir et blanc incrustés tout autour des hanches et dans le bas” (LFM, n. 3, 1903).

¹⁰“[...] **jupe-corselet**, ou corsage drapé formant lui-même corselet [...]” (LM, n. 64, 1906).

¹¹“[...] la **jupe corselet**, très collante, évasée [...]” (LM, n. 87, 1908). 143

¹²“Et maintenant, abordons la question brûlante qui est dans toutes les bouches, l’interrogation que je lis sur tous les yeux: Que pensez-vous de la **jupe-culotte**?” (Femina, n. 243, 1911).

¹³“[...] les **jupes entravées** avant assez fait souffrir les femmes qui l’adoptèrent [...]” (Femina, n. 243, 1911).

¹⁴“Cette jupe, appelée crinoline, n’est donc pas la réédition exacte de la robe de jadis [...]” (PEM, ano 38, n. 11, 1916).

¹⁵“Une de nos grandes maisons parisiennes a même trouvé, pour rénover la coquetterie de la jupe de taffetas, une mode toute amusante, celle de la **jupe “tonneau”**. Le nom donne déjà l’idée de la forme” (PEM, n. 11, ano 38, 1916).

¹⁶“Voici une petite **robe-chemise** en taffetas vieux-rose, fermée au milieu du dos par des boutonnières avec boutons” (PEM, n. 11, ano 40, 1918).

¹⁷“[...] enfin un mot de la **jupe abat-jour** en forme conique, *élargie* au bas par des cerceaux que dissimulent des petites ruches de velours” (LM, n. 193, 1920).

¹⁸“Pour les robes du soir, aussi les deux tendances: la robe à danser, **robe de style** à paniers [...]” (LM, n. 214, 1922).

¹⁹“*Pour elles, la jupe longue à la cheville et beaucoup de diversité dans les façons. [...] Voici quelques nouveautés sous la forme de lés détaillés comme ceux des parapluies et qui rappellent la coupe sonnette de 1830*” (PEM, n. 12, ano 52, 1930).

Referências

ACADÉMIE FRANÇAISE. Dictionnaire de l’Académie Française. Paris: Académie française, 1878 [1694]. Disponível em: <http://www.academie-francaise.fr/>.

ARNAUD-DUC, Nicole. Las contradicciones del derecho. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). Historia de las mujeres : el siglo XIX. Tradução Marco Aurelio Galmarini. Barcelona: Peguin Random House, 2018 [1993]. Disponível em ebook em: <https://www.livrariacultura.com.br/el-siglo-xix-historia-de-las-mujeres-4> 2012158528/p

BARD, Christine. *Ce qui soulève la jupe*: Identités, transgressions, résistances. Paris: Autrement, 2010.

BARD, Christine. Le “DB58” aux Archives de la Préfecture de Police. Clio. Histoire, femmes et sociétés n. 10, 1999. Disponível em: <http://journals.openedition.org/clio/258>. Acesso em: 2 abril 2024.

BARTHES, Roland. O sistema da moda. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009 [1967].

BOUVEROT, Danièle. Le vocabulaire de la mode. In: ANTOINE, Gérard; MARTIN, Robert (org.). Histoire de la langue française: 1800-1914. Paris: CNRS, 1999, p. 193 206. Disponível em: <https://books.openedition.org/editions-cnrs/9265>. Acesso: 8 maio 2020.

CABRÉ, Maria Teresa. La Terminologia: Représentation y comunicación. Barcelona: ULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa. La Terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 3, 1995. Disponível em: 318 https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/03/pdf_f7c07a179e_0008867.pdf. Acesso em: 19 abril 2024.

CALLAN, Georgina O'Hara. Enciclopédia da moda. Tradução de Gloria Maria de Carvalho e Maria Ignez França. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

DESLANDRES, Yvonne. *Le costume, image de l'homme*. Paris: Éditions du Regard/Institut Français de la mode, 2002.

FEMINA. Paris: Pierre Lafitte et Cie., 1911, n. 243. Quinzenal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5505677c.item>. Acesso em: 30 nov. 2018.

FEYEL, Gilles. La presse féminine au XIXe siècle (1797-1914). In.: BLANDIN, Claire; ECK, Hélène. La vie des femmes: La presse féminine aux XIXe et XXe siècles. Paris: Éditions Panthéon-Assas, 2010, p. 31-47.

FINATTO, Maria José Boconny; KRIEGER, Maria da Graça. Introdução a Terminologia: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

FURETIÈRE, Antoine. Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots français tant vieux que modernes, et les termes de toutes les sciences et des arts. Paris: [s.n.], 1690. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50614b/f1140.item>. Acesso em: 15 abril 2024.

LA COUTURIÈRE PARISIENNE. Paris: Le grand Chic, n. 155, jan. 1917, n.p. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1038976q/f9.item.r=%22jupe%20tonneau%22.zoom>. Acesso em 30 ago. 2023.

LA FEMME CHIC. Paris: Publications Louchel, n. 189, out. 1926. Mensal. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t5379379h/f1.item.r=%22robe%20manteau%22.zoom>. Acesso em: 28 set. 2023

LE FIGARO-MODES. Paris: [s.n.], n. 3, mar 1903. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6558726x.item>. Acesso em: 24 abr. 2018.

LE PETIT ÉCHO DE LA MODE. Paris: [s.n.], n. 11, ano 38, mar. 1916. Semanal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3216492t/f2.item.zoom>. Acesso em: 28 set. 2023.

LE PETIT ÉCHO DE LA MODE. Paris:[s.n.], n. 11, ano 40, mar. 1918. Semanal. Disponível em : <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k32158383?rk=236052;4>

LE PETIT ÉCHO DE LA MODE. Paris: [s.n.], n.12, ano 52, mar. 1930. Semanal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3215606f?rk=257512;0>. Acesso em: 28 set. 2023.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 64, abr. 1906. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6538684g?rk=107296;4>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 87, mar. 1908. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57259019?rk=214593;2>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 123, mar. 1911. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k921014f/f22.item.r=%22jupe%20culotte%22>. Acesso em: 28 set. 2023.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 193, [mar.?] 1920. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5726370s?rk=150215;2>. Acesso em: 28 set. 2023.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 214, mar. 1922. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65435235/f1.item>. Acesso em 28 set. 2023.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 283, dez. 1927. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57261918/f94.image.r=%22jupe%20culotte%22?rk=42918;4>. Acesso em: 28 set. 2023.

LOPES, Fabiana Fontes. Indumentária europeia do final da Idade Média: aspectos estéticos, produtivos, funcionais e materiais. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100133/tde-03112017-155231/publico/DISSERTACAOFABIANALOPES.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MODE-PALACE. Paris: [s.n.], n. 10, out. 1906, p. 4. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k959480h/f4.item.r=jupe%20corselet>. Acesso em 30 ago. 2023.

MENDES, Valérie; HAYE, Amy de la. A moda no século XX. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NEWMANN, Alex. Moda de A a Z. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Publifolha, 2011.

PICOCHÉ, Jacqueline. *Dictionnaire etymologique du français*. Paris: Le Robert, 2009.

TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ (TLFi). Nancy, CNRS, ATILF (Analyse et traitement informatique de la langue française), 2019 [1994]. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/>.